

2

Discurso digital: efeitos da automatização da leitura no campo teórico e analítico da Análise de Discurso

Cristiane Pereira Costa Dias
Universidade Estadual de Campinas

Introdução

Gostaria de começar situando o lugar teórico do qual parto para refletir sobre o discurso digital: o da Análise de Discurso materialista. Essa teoria, iniciada na França em torno dos trabalhos de Michel Pêcheux tem como obra fundadora o livro *Análise Automática do Discurso* (AAD69), em torno da qual Pêcheux trabalha na formalização da análise de discurso, conforme mostra Eni Orlandi (2019, p. 143) no texto “A Análise de discurso é possível?” Essa formalização se estabelece, para Pêcheux, pela informatização, daí a proposta da análise automática do discurso, “que lhe dá um instrumento para pensar a análise, tomando como unidade o enunciado, procurando abranger a relação da linguagem com suas condições de produção (sujeito e situação; e eu acrescento: memória).”

Nas palavras da autora:

Podemos dizer que este modelo não teve o sucesso esperado/desejado, mas é heurísticamente muito produtivo. O que se pode depreender pelos desenvolvimentos posteriores [...] Mas, se, com a informatização, ele não ganha ainda a legitimação de seu modelo e de uma sua escrita formal, no entanto, seu interesse pela informatização, em uma conjuntura em que se pensa a tradução automática, modelos matemáticos para a linguagem, e em que as tecnologias de informação começam seu enorme desenvolvimento, o coloca como um precursor. Esta sua posição se constitui não só pela natureza das questões que suscita, mas também pela qualidade das respostas que busca. Não se trata, portanto, de pensar conteúdos

daquilo que vai se construindo com seus “andaimés”, mas de seus procedimentos na busca das noções que vão constituindo seu caminho e as possibilidades de analisar discursos. Ele está, ao mesmo tempo, produzindo uma teoria e estabelecendo procedimentos de análise na construção de um método (ORLANDI, 2019, p. 143).

Esse lugar de filiação teórica para mim e, com ele, o objeto discurso, é incontornável, embora o conceito de discurso, objeto da análise de discurso, tal como formulado por Pêcheux na conjuntura dos anos 60/70, encontre hoje questões que movem uma virada, como sugere Orlandi (2012). Uma virada na práxis da Análise de Discurso, “dada sua nova conjuntura: novas condições de produção de discurso e novas formas de assujeitamento” (ORLANDI, 2012, p. 41). Essa virada consiste na inauguração de um novo campo de questões.

É desse modo que tenho trabalhado com o digital como campo de questões. Partindo da premissa fundamental de que a Análise de Discurso não é uma teoria acomodada, sedentária, embora trabalhe com princípios teóricos incontornáveis, o discurso digital se estabelece para mim como campo de questões no interior do qual podemos compreender novos objetos de análise, no interior do qual podemos compreender as condições de existência e desdobramento das discursividades. Como pontua Orlandi (2017), se a imprensa, em tempos anteriores, se constituiu como condição de existência e desdobramento das discursividades, hoje, o digital ocupa esse lugar.

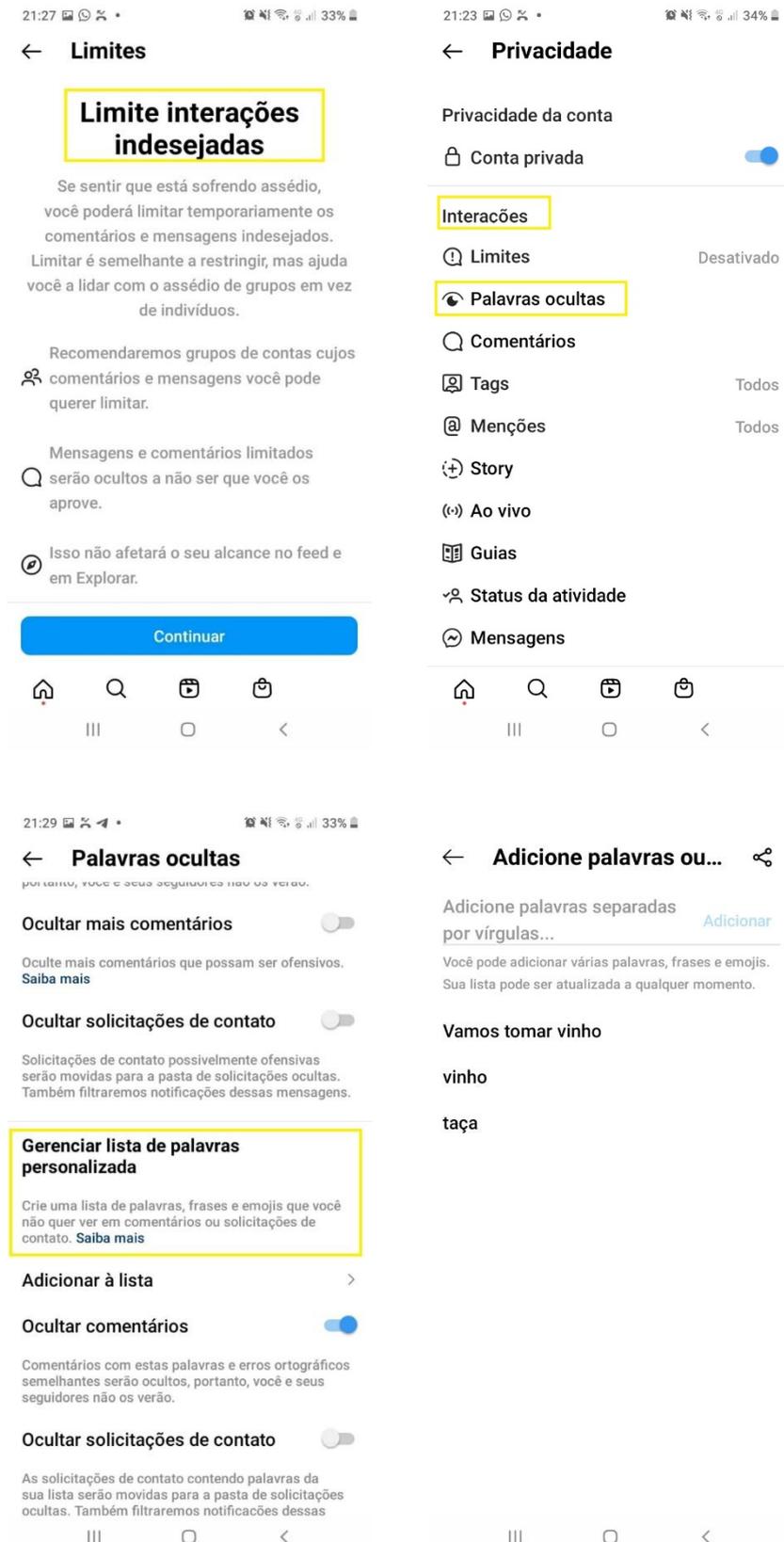
Michel Pêcheux, citado por Orlandi (2019), diz: “não são as respostas que envelhecem, são as questões”. Assim, entendo que o digital inaugura um novo campo de questões à análise de discurso, o que pode permitir um alargamento do seu campo conceitual, bem como do modo como a análise se realiza em seus procedimentos.

É nessa perspectiva que pergunto: como é que o digital afeta contemporaneamente os modos de ler, pela automatização? Automatização da leitura, da produção e da circulação dos sentidos.

1 A automatização das interações

A rede social Instagram oferece aos seus usuários um recurso automático que permite a “limitação das interações” indesejadas, tal como podemos ver nas capturas de tela apresentadas a seguir.

Figura 1. Sequência de capturas de telas para limitar interações indesejadas no Instagram

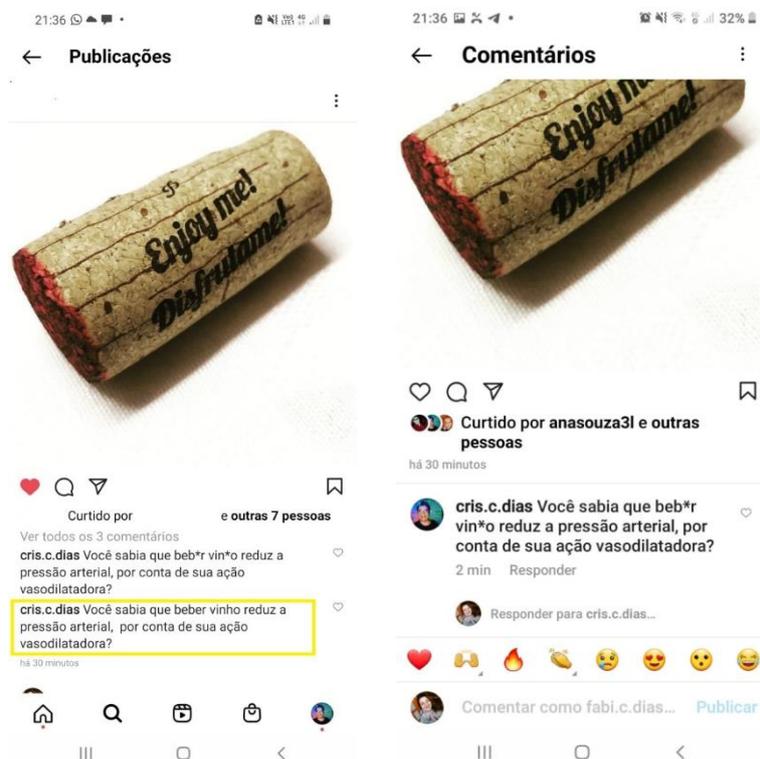


Fonte: extraído de Instagram.

Limitar as palavras para limitar os sentidos. Simplesmente decidir não ver aquilo que não se quer, ao criar uma lista de palavras, frases e emojis que não queremos ler nos comentários de nossas postagens. Eis a automatização das interações pelo processo de escrita/leitura que se constitui por uma dimensão técnica do silêncio, aquela que põe em relação silêncio e tecnologia da linguagem. Ao lado da dimensão fundante do silêncio, que põe em relação silêncio e linguagem, e da dimensão política do silêncio, que põe em relação silêncio em corpo da linguagem, formuladas por Orlandi (1994), a dimensão técnica do silêncio, “é aquilo que funciona à margem do enquadramento, da nitidez ou mesmo da coerência do dizer, mediado pela máquina. É aquilo que se destaca ou aquilo que se apaga, para silenciar sentidos de um objeto simbólico, por meio de recursos técnicos” (DIAS, 2018, p. 191).

Pelo funcionamento da limitação de interação, não significa que o sentido não se produziu, já que quem comenta (com palavras indesejadas) vê o seu comentário e não sabe que ele não foi publicado. Ele não sabe que foi silenciado. Mas quem limita as palavras (e os sentidos) não lê/não sabe que ele se formulou e nem como.

Figura 2. Postagem do Instagram com limitação de interação



Fonte: publicação de @cris.c.dias

Na primeira captura de tela, temos 2 comentários. O segundo é um comentário no qual constam as palavras silenciadas na lista de palavras do sujeito que utilizou o recurso de limitar interações do Instagram, como é possível ver na última captura da figura 1. Esse comentário só aparece para o sujeito que comenta, como podemos ver na segunda captura da figura 2, que é o perfil do sujeito limitador.

Mas essa dimensão técnica do silêncio, produzida por um processo de automatização da leitura é passível de deriva, pelo funcionamento do que tenho chamado *memória digital*, ou seja, aquilo que escapa à estrutura totalizante da máquina e faz o sentido derivar, produzindo uma outra formulação ao furar o espaço de automatização da leitura. É o caso da utilização do asterisco para grafar a palavra "vinho", que foi escrita como vin*o e, por isso, apareceu nos comentários da postagem.

Esse exemplo nos dá uma ideia de como os sentidos, a interpretação, a leitura, enfim, se automatizam, e, com ela, a relação entre sujeitos.

É disso que se trata quando pensamos o digital como condição e desdobramento das discursividades. Como produzir um espaço polêmico das leituras de arquivos em condições de produção das discursividades que automatizam a escrita, a leitura, os sentidos?

2 Efeitos da quantidade na constituição do corpus

Passemos agora a um segundo momento da análise que diz respeito à questão que me mobiliza nessa reflexão, a saber, como é que o digital afeta contemporaneamente os modos de ler, pela automatização?

Esses exemplos² se relacionam com o modo como organizamos nossos arquivos de pesquisa afetados por essa maquinaria dos sentidos que passa pela automatização da leitura.

(1) "Na busca das mensagens de ódio aos **nordestinos** no universo digital que circularam durante a campanha eleitoral de 2014, a primeira circunscrição foi na captura das mensagens com a palavra **nordestino**, que já vamos considerar aqui nosso primeiro grande referente. Chegamos a um arquivo com mais de 123.866 posts no Twitter que continham esta referência, no período de janeiro a outubro de 2014, capturados por meio de aplicativo de busca (pelo pesquisador Alexandre

² Os 4 exemplos aqui analisados foram retirados da dissertação de mestrado de Adriana Vilar de Menezes, desenvolvida sob minha orientação no Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC IEL/Labjor - Unicamp) (MENEZES, 2019, p. 27).

Fioravante de Siqueira). O conjunto de posts incluía tanto mensagens de ódio quanto outros conteúdos (relacionados a futebol, turismo, protestos, elogios...). O tamanho e a diversidade de assuntos do arquivo nos levou a fazer nova circunscrição.”

(2) NOTA DE RODAPÉ

Os tuítes foram extraídos pelo uso da ferramenta GetOldTweets [1], implementada na linguagem de programação Python [2], por ação executada pelo pesquisador cientista Alexandre Fioravante de Siqueira. Para criar o banco de dados utilizado nesta pesquisa, foram considerados tuítes entre 01 de janeiro e 31 de outubro de 2014. O comando usado é dado a seguir:

```
$ python Exporter.py --querysearch &quot;nordestino&quot; --since 2014-01-01 --until 2014-10-31. Os argumentos --querysearch, --since e --until representam a expressão a ser buscada, a data de início e a data de fim da busca, respectivamente. A ferramenta GetOldTweets se conecta ao Twitter e executa o download dos tuítes que possuam as características passadas por meio dos argumentos.
```

[1] HENRIQUE, J. GetOldTweets-python, 2016. Disponível em: <[https://github.com/Jefferson-](https://github.com/Jefferson-Henrique/GetOldTweets-python)

Henrique/GetOldTweets-python >. Acesso em 16 de março de 2019.

[2] VAN ROSSUM, G. Python tutorial, Technical Report CS-R9526, Centrum voor Wiskunde en Informatica (CWI), Amsterdã, 1995.

(3) “Chegamos ao *corpus* formado por 10 mensagens que, além da regularidade do ódio e do extermínio do *nordestino* pela repetição das palavras morte, morra e morram, tem também em comum um grupo de palavras que se repetem: seca, fome, miséria, pobre, vagabundo, burro, trabalho, bolsa família. No **arquivo de 123.866 posts** com o referente *nordestino* no Twitter, elas aparecem em grande número: **burro está em 3.698 posts; bolsa, em 2.355; pobre, em 2.348; seca, 1.477; rede, 1730; fome, 670; bolsa família, 530; vagabundo, 503; miséria, 40.** Na tentativa de anexar ao trabalho o arquivo (de Excel) que **contém o corpus com estes 123.866 posts**, convertemos o documento em pdf, que resultou em **7 mil páginas**, eliminando assim a possibilidade de anexá-lo, e produzindo o efeito da falta de domínio total do arquivo, pelo excesso, porque, afinal, quem faria esta leitura por completo? Certamente ninguém. Diante disso, **podemos afirmar que a leitura de nosso arquivo é uma ‘leitura automatizada’**, visto que o nosso **arquivo se constitui pela quantidade e é trabalhado por mecanismos de busca por palavras.**”³

(4) Imagem 2: Reprodução do arquivo em Excel com **123.866 links de posts do Twitter**⁴

Temos aqui a descrição da construção do corpus de pesquisa de Adriana Vilar de Menezes, que desenvolveu a pesquisa no MDCC, sob minha orientação, sobre o discurso de ódio no Twitter nas eleições de 2014. A dissertação intitulada “Nordestino na rede: discurso de ódio e disputa de sentidos no Twitter nas eleições 2014” foi defendida em 2019.

O que quero destacar com os exemplos anteriores é o funcionamento da quantidade na significação das palavras e do sentido de *nordestino*, tal com Menezes (2019) constata em sua pesquisa. Também vale destaque aqui o

³Os grifos são meus.

⁴Os grifos são meus.

funcionamento da quantidade na constituição do *corpus* da pesquisa. Diante disso, podemos perguntar: qual a relação de leitura de arquivo temos por meio de um sistema de busca ou programa de raspagem de dados? Não estaríamos produzindo universos logicamente estabilizados? O problema da leitura não se reduziria aí a um “tratamento da informação” por meio de uma “operação” tecnológica que seleciona sequências e palavras algoritmicamente? Não produziria esse modo de construção do arquivo um “fechamento da situação de interpretação”?

Recorro aqui a Pêcheux (2010) não para responder, mas para problematizar essas questões:

É a este preço que se poderá evitar substituir questões por “objetivos operacionais”, a curto prazo relativamente fáceis de atingir, mas de muito pouco interessante, pelo menos caso se trate de questionar os recursos da inteligência humana em luta com o arquivo textual, e não de disciplinar o exercício desta através de dispositivos (de classificação, de indexação etc.), que derivam mais da gestão administrativa e do sonho logicista de língua ideal que da pesquisa científica fundamental (PECHEUX, 2010, p. 59)

Lembremos que a análise de discurso tem como objeto as discursividades de espaços discursivos não estabilizados logicamente e isso resulta em um certo número de consequências teóricas e de procedimento que devemos situar ao lidarmos com o arquivo digital.

É nesse sentido que a análise de discurso, naquilo que diz respeito a sua práxis, tem formulado novas indagações, um outro programa de leitura ao se perguntar, o que “o conceito de discurso pode produzir hoje”? (ORLANDI, 2012, p. 43).

Considerações finais

A reflexão proposta nesse texto resulta de uma pesquisa mais ampla sobre o conceito de discurso digital e sobre a importância de sua conceituação para a compreensão do modo como fazemos pesquisa hoje, mas também para a compreensão dos modos de leitura que afetam os processos de significação e de existência dos sujeitos na sociedade.

O gesto de análise que propus aqui buscou mostrar como o funcionamento dos algoritmos e da automatização em redes sociais que utilizamos cotidianamente afeta, determina e delimita nossas relações de

sentidos. Por outro lado, busquei levantar questionamentos sobre o modo como temos feito pesquisa a partir da constituição de arquivos automatizados e os efeitos que a leitura de arquivo pode produzir nos processos de interpretação.

Considero que é preciso refletir sobre os dispositivos e procedimentos de pesquisa que temos mobilizado para compreender o funcionamento dos discursos.

Referências

- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- MENEZES, Adriana Vilar de. Nordeste na rede: discurso de ódio e disputa de sentidos no Twitter nas eleições 2014. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Jornalismo Científico, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2019. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_e87b31e4d44638ad7d1492c792db85fa. Acesso em: 30 jan. 2022.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**. Campinas: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- ORLANDI, Eni. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, Eni. AAD-69: uma referência incontornável. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 44, p. 335-347, 2019.
- PECHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.